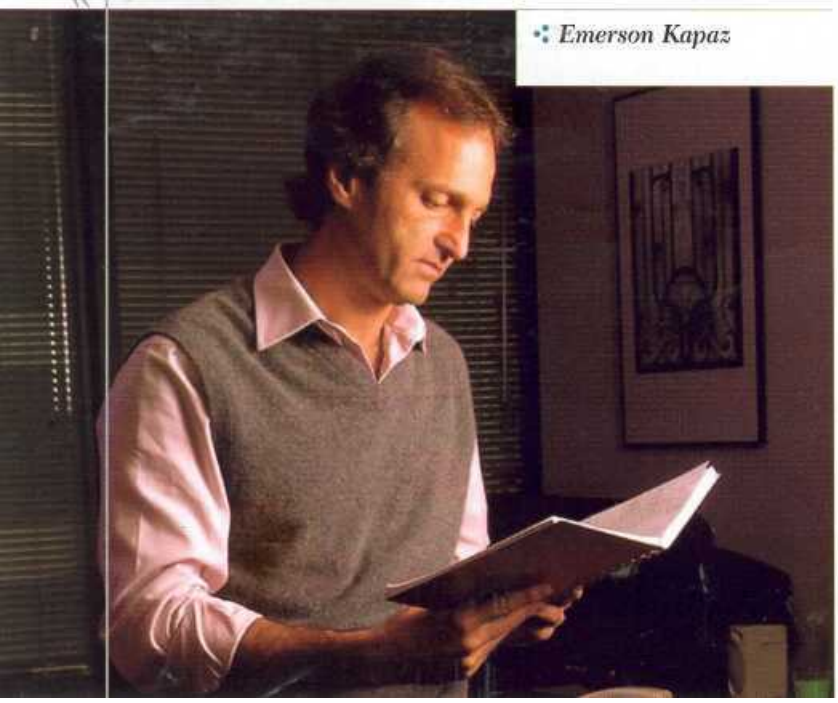

Emerson Kapaz

Miguel Krigsner

O QUE E RESPONSABILIDADE SOCIAL?

MIGUEL KRIGSNER, PRESIDENTE DE O BOTICÁRIO, E EMERSON KAPAZ, DO INSTITUTO ETHOS, RESPONDEM A ESSA PERGUNTA E FALAM SOBRE OUTRAS QUESTÕES RELACIONADAS À RESPONSABILIDADE SOCIAL DAS EMPRESAS

Fernando Mendonça

Responsabilidade Social é uma prática, um conceito apenas ou a soma dos dois? A partir da década de 1990, desenvolver a cultura da Responsabilidade Social tornou-se quase um imperativo de gestão para as empresas que pretendem se manter competitivas em seus respectivos mercados. Muitas, porém, tateiam o terreno, míopes, e não encontram o caminho para o que deve ser um legítimo programa de Responsabilidade Social. Abrem-se assim os flancos para as críticas.

Há quem afirme que as empresas nada mais fazem do que expiar-se tardiamente de uma culpa histórica por produzir bens e miséria a um só tempo. Teria portanto chegado o tempo de procurar "corrigir" esse mal por meio de ações sociais. Seria uma forma de reportar-se à sociedade nos seguintes termos: "OK, sabemos que durante os últimos 200 anos nós nos portamos muito mal, poluímos rios, devastamos florestas, extinguimos espécies animais e vegetais e produzimos milhões de famélicos ao redor do planeta, mas estamos dispostos a corrigir esse imenso equívoco. A partir de agora, manteremos a grama aparada nas praças da cidade".

Os críticos garantem que, nesse escopo, trata-se de uma ação meramente de Marketing Social, sem resultados tangíveis. Os defensores da Responsabilidade Social dizem não ser bem essa a idéia. Segundo eles, as grandes empresas chegaram à conhecida "sinuca-de-bico": ou ajudam de fato a promover o bem-estar social, independentemente da participação dos governos locais, regionais e federais, ou emborcam junto com as populações. E entram aí ações em prol do meio ambiente, da educação, da saúde, enfim, do resgate da qualidade de vida às pessoas, para que elas continuem e, em alguns casos, até voltem a ser cidadãos e consumidores.

Para explicar um pouco sobre o que é ou pode ser a Responsabilidade Social, a Revista FAE Business entrevistou o empresário Miguel Krigsner, presidente de O Boticário. As mesmas perguntas foram dirigidas a Emerson Kapaz, do Instituto Ethos. Leia a seguir um pouco do que eles pensam sobre o assunto.

O que é Responsabilidade Social para o senhor?

Emerson Kapaz - Responsabilidade Social nas empresas significa uma visão empreendedora mais preocupada com o entorno social em que a empresa está inserida, ou seja, sem

deixar de se preocupar com a necessidade de geração de lucro, mas colocando-o não como um fim em si mesmo, mas sim como um meio para se atingir um desenvolvimento sustentável e com mais qualidade de vida.

Miguel Krigsner - A forma de conduzir os negócios baseada no compromisso contínuo com a qualidade de vida atual e das gerações futuras, por meio de um comportamento ético, que contribua para o desenvolvimento econômico, social e ambiental. E, se a gente conseguir incorporar os interesses das diversas partes interessadas nas estratégias de negócio e na implementação das atividades, melhor ainda.

Qual o passo mais importante a ser dado para desenvolver um autêntico programa de Responsabilidade Social?

Kapaz - Acredito que o primeiro passo para qualquer ação de Responsabilidade Social em empresas passa pela conscientização dos empreendedores *e,* principalmente, dos acionistas majoritários de que, hoje, no mundo em que vivemos, o consumidor sabe e, essencialmente, valoriza a diferença entre empresas que são socialmente responsáveis e outras que não têm essa preocupação.

Krigsner - Em primeiro lugar, temos que acreditar que cada um de nós, independentemente do tamanho do negócio ou da sua origem, pode trazer contribuições para um mundo melhor. Esse é o passo fundamental; o que acontece depois dessa predisposição genuína é conseqüência.

Que dificuldades de percurso são mais comuns?

Kapaz - Em primeiro lugar a consciência dos controladores e, depois, a capilarização dessa visão para toda a empresa, sem perder de vista a necessidade de sobrevivência, ou seja, de geração de caixa. Capilarizar a percepção em todos os escalões da empresa passa a ser a meta.

Krigsner - Ser integralmente ético num mundo em que existem tantas forças... Conciliar a ética nos negócios, garantindo que a empresa caminhe com sustentabilidade, que os parceiros de negócio também invistam numa relação ganha-ganha em que o lucro final é das gerações futuras. Isso não é fácil, pois, como empresários, somos movidos por resultados.

Quais são as críticas mais freqüentes aos programas de Responsabilidade Social?

O primeiro passo para qualquer ação de responsabilidade social em empresas passa pela conscientização dos empreendedores e, principalmente, dos acionistas majoritários de que o consumidor valoriza a diferença entre empresas que são socialmente responsáveis e outras que não têm essa preocupação (Kapaz)

Kapaz - A crítica mais comum é a de que a função principal da empresa é gerar lucro e não se preocupar com questões sociais.

Krigsner - As críticas mais comuns são: as empresas podem usar isso como Marketing; ações pequenas e locais não fazem muita diferença; as empresas costumam investir em causa própria etc. Apesar disso, quando se tem a consciência de estar fazendo o melhor possível, as críticas não abalam aquilo em que acreditamos. Porém, hoje, há consciência crescente de que governos sozinhos não conseguem solução para questões crônicas e estruturais; talvez, um dos aspectos mais positivos da globalização econômica e social seja a possibilidade de atuarmos em bloco para enfrentarmos os grandes desafios mundiais. O Global Compact é um grande exemplo disso. O Boticário é signatário do Global Compact por acreditar que esse é um dos caminhos viáveis para uma aliança mundial.

A que o senhor atribui o despertar, tido como tardio, para as questões sociais nas empresas?

Kapaz - Atribuo à visão de alguns líderes empresariais de que de nada adianta ter uma empresa sadia em uma sociedade miserável, e sem perspectivas de recuperação. Qual o verdadeiro papel de uma empresa que tem, além da visão econômica, a visão política, já que ela é formada por cidadãos? É muito difícil separar o empresário do cidadão empresário. Isso apareceu com uma mudança de mentalidade do próprio empresário, sobre seu papel na sociedade.

Os governos de forma geral em todo o mundo já não conseguem mais atender às demandas econômicas, sociais, políticas e ambientais, cabendo às empresas dividir essa responsabilidade, pois formamos uma grande força alavancadora na sociedade (Krigsner)

Krigsner - Não se trata de tardio. Nunca é demais lembrar que o papel da iniciativa privada é gerar lucro, pois sem isso não há desenvolvimento sustentável. O papel do governo é garantir condições que promovam o desenvolvimento humano em todas as suas dimensões. O que acontece é que a sociedade se tornou tão complexa e o nível populacional tão alto, que os governos de forma geral, em todo o mundo, já não conseguem mais atender às demandas econômicas, sociais, políticas e ambientais, cabendo às empresas dividir essa responsabilidade, pois formamos uma grande força alavancadora na sociedade.

O que o senhor pensa sobre a eventual participação dos governos (municipais, estaduais, federa!) nas ações sociais desenvolvidas pelas empresas?

Kapaz - É uma parceria saudável, desde que respeitadas as diferenças e espaços de atuação.

Krigsner - Acho importantíssima essa parceria, afinal todas as partes são interessadas num mundo melhor, porque obviamente todos ganham com isso. Se o governo fizer a sua parte e se aliar à iniciativa privada, o resultado será uma combinação muito positiva de visões diferentes e complementares que só beneficia a sociedade. Juntos, somos sempre mais fortes.

E sobre uma forma de compensação fiscal às empresas que têm essas ações?

Kapaz - Todo incentivo que puder ser dado às empresas que praticam Responsabilidade Social deve ser pensado, já que elas estão ajudando o Estado a cumprir parte de seu papel.

Krigsner - Como empresário, acho justo e importante que isso venha a ocorrer, pois seguramente vai gerar um estímulo para novas iniciativas.

O que podem ganhar as empresas que se mobilizam em prol de programas sociais?

Kapaz - A confiança do consumidor e a percepção da sociedade de que aquela empresa se preocupa com algo maior do que seu próprio lucro.

Krigsner - Maior retenção de talentos, maior envolvimento e comprometimento dos colaboradores, credibilidade de marca, maior chance de fidelizar o consumidor, reconhecimento da comunidade em que está inserida, valorização de capital para as empresas que têm ações em bolsa etc. E o mais importante de tudo: a satisfação em ajudar a promover o bem comum.

Se o governo fizer a sua parte e se aliar à iniciativa privada, o resultado é uma combinação muito positiva de visões diferentes e complementares que só beneficia a sociedade. Juntos, somos sempre mais fortes (Krigsner)

Como pode ser medido e demonstrado o resultado das ações sociais?

Kapaz - Não é fácil mensurar os resultados, e não sei se, na verdade, isso seria tão importante. Acredito que a mobilização que há, hoje, de empresas e Governo, na direção de um maior entrosamento sobre a Responsabilidade Social nas empresas já é um enorme passo. Outro dado importante é o número de trabalhadores que hoje estão empregados em empresas com essa prática, além de publicações que estão dando premiações e listando as mais responsáveis socialmente. Tudo isso mostra uma preocupação em avaliar e incentivar tais práticas.

Krigsner—O mais praticado é a publicação do relatório conhecido como Balanço Social, que nos últimos anos tem evoluído quanto aos indicadores e metodologia de apuração de resultados

Passamos hoje por uma saudável evolução na conscientização de que não podemos mais fingir ser possível ao Brasil continuar como está. Esse é o primeiro passo para se reduzirem os níveis de pobreza no país (Kapaz)

conquistados, graças à orientação de organizações como Instituto Ethos, Ibase etc. Na minha opinião, essa ferramenta - que em O Boticário chamamos de Relatório de Responsabilidade Corporativa - é a forma mais eficaz e transparente de demonstração de resultados.

Que sugestões o senhor tem, seja a quem for, para se reduzirem os níveis de pobreza no Brasil?

Kapaz - Eu precisaria de mais algumas páginas para tratar desse problema, mas acredito haver hoje uma saudável evolução na conscientização de que não podemos mais fingir ser possível ao Brasil continuar como está. É o primeiro passo. A partir dele, as ações se sucederão, e talvez a mais importante delas seja termos noção de que, como classe dominante, no empresariado, na política, no judiciário, nos sindicatos, nas entidades empresariais, nós podemos fazer a diferença. As propostas estão aí, não são segredo. É preciso ter vontade e fazê-las saírem do papel.

Krigsner - Criar infra-estrutura na área de Turismo, por ser uma atividade geradora de mão-de-obra; melhorar o nível de escolaridade, pois são necessárias mais cabeças pensantes; melhorar a infra-estrutura de transporte, logística e comunicação para diminuir custos.

Fonte: Revista FAE Business, n.9, p.8-10, set. 2006.